

**STEPHANY QUERINO CARDOSO**

**PINTANDO O 7: UMA EXPERIÊNCIA DE JORNALISMO COLABORATIVO E  
EDUCOMUNICAÇÃO**

Memorial Descritivo apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Sofia Cavalcanti Zanforlin

**Taguatinga  
2013**



Memorial Descritivo de autoria de Stephany Querino Cardoso, intitulado “PINTANDO O 7: UMA EXPERIÊNCIA DE JORNALISMO COLABORATIVO E EDUCOMUNICAÇÃO”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, em 3 de dezembro de 2013, defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof. Dra. Sofia Cavalcanti Zanforlin  
Comunicação Social - UCB

---

Prof. Ma. Ana Carolina Kalume  
Comunicação Social - UCB

---

Prof. Me. Alberto Marques  
Comunicação Social - UCB

Taguatinga  
2013

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meus pais, Eliane das Graças Querino e Samuel Cardoso da Silva, que mesmo com as inúmeras intempéries pelas quais passaram, sempre dedicaram o seu melhor a mim e a minha irmã. A luta deles, que sempre inspirou as minhas. À minha irmã, Pollyanna Cardoso, minha companheira em todos os momentos, inclusive crítica de cada um dos meus textos ao longo da formação. À minha avó, que sempre me admirou e incentivou a seguir meus caminhos com inteligência. Aos meus amigos, sempre compreensivos e prontos a ajudar, especialmente neste trabalho, Ailton Mesquita, Bruno Bastos, Emanuella Camargo, Estevão Silva, Gabriela Cerqueira, Jailson Rolim, Lidiane Leão, Marina Maria. O meu melhor se inspira em cada um de vocês.

"O que me preocupa não é nem o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética... O que me preocupa é o silêncio dos bons." Martin Luther King

## RESUMO

CARDOSO, Stephany. **Pintando o 7**: Uma experiência de jornalismo colaborativo e educomunicação. 2013. 58 folhas. Memorial Descritivo (Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Católica de Brasília, Taguatinga, 2013.

Este trabalho traz o embasamento teórico e a descrição do processo de criação do blog e as mídias sociais “Pintando o 7”. Um blog desenvolvido junto a estudantes do Centro Educacional 07 de Ceilândia – DF. Uma proposta de discussão e prática de Educomunicação, Jornalismo Colaborativo, Webjornalismo e Mídia Alternativa. O trabalho foi desenvolvido com apoio de parceiros voluntários, que, junto à autora, realizaram oficinas de capacitação dos estudantes nas áreas de Leitura Crítica dos Meios, Texto Jornalístico, Fotografia e Vídeo, Identidade Visual, Webjornalismo e Mídias Sociais. As oficinas proporcionaram aos alunos do projeto contato com conceitos e práticas próprias do Jornalismo, adaptadas a seu contexto e suas habilidades. O blog e as mídias sociais levam ao público matérias feitas pelos estudantes, envolvendo o universo artístico da escola e da cidade.

Palavras chave: Jornalismo Colaborativo. Webjornalismo. Educomunicação. Blog. Mídias Sociais. Ceilândia.

## ABSTRACT

CARDOSO, Stephany. **Pintando o 7**: An educational communication and collaborative journalism experience. In 2013. 58 sheets. Descriptive Memorandum (Social Communication - Journalism) - Catholic University of Brasilia, Taguatinga, 2013.

This paper presents a theoretical background and a process description of “Pintando o 7” blog and social media. A blog developed with students of the Centro Educacional 07 de Ceilândia - DF. A proposal for discussion and practice of Communications Education, Collaborative Journalism, Web journalism and Alternative Media. The work was developed with the support of volunteers partners who, with the author, conducted training workshops for students in the areas of Critical Reading of Media, Journalistic Text, Photo & Video, Visual Identity, Social Media and Webjournalism. The workshops provided to the students some contact with concepts and practices of Journalism, adapted to their context and their skills. The blog and social media lead the public news stories made by the students, involving the artistic universe of the school and the city.

Keywords: Collaborative Journalism. Webjournalism. Communications Education. Blog . Social Media. Ceilândia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Oficinas de capacitação.....	40
Figura 2 – Relato de participante do projeto em seu início .....	45
Figura 3 – Relato de participantes do projeto em conclusão .....	48
Figura 4 – O Blog Pintando o 7 .....	50
Figura 5 – A Página Pintando o 7 no Facebook .....	51
Figura 6 - A Página Pintando o 7 no G+ .....	52

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Revisão de Literatura.....	11
2.1 A web e o Jornalismo.....	11
2.2 O blog e as mídias sociais.....	13
2.2.1 Classificações dos blogs.....	16
2.3 Potencialidades do Jornalismo na Web.....	17
2.4 Os aspectos colaborativo e educativo.....	20
2.4.1 Educomunicação .....	22
2.4.2 Os blogs no processo educativo .....	24
2.5 Protagonismo x amadorismo.....	27
3. Metodologia.....	29
3.1 A metodologia das Oficinas.....	36
4. O processo.....	41
5. O produto.....	42
6. Conclusão.....	53
7. Referências.....	57

## 1. INTRODUÇÃO

*“A liberdade de expressão, em todas as suas formas e manifestações, é um direito fundamental e inalienável, inerente a todas as pessoas. É, ademais, um requisito indispensável para a própria existência de uma sociedade democrática.”*  
**DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS SOBRE LIBERDADE DE EXPRESSÃO.** (Aprovado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em seu 108º período ordinário de sessões, celebrado de 16 a 27 de outubro de 2000)

Expressar-se livremente. Ao longo da história da humanidade, em seus períodos de obscuridade e iluminação, a liberdade da palavra é motivo de luta. Na Grécia antiga, os cidadãos reuniam-se em praça pública para decidir seus rumos, o que configurava a democracia direta. Passando à Idade Média, o período marcou a história como idade das trevas, muito pela ausência de liberdade de pensamento e expressão. O período seguinte, o Iluminismo, ilumina-se pelo renascimento da Ciência e do desenvolvimento e manifestação do pensamento humano. É nesse período que nasce o termo liberdade de expressão.

A liberdade de expressão, assegurada no Brasil pela Constituição Federal de 1988, garante o livre debate, com base no otimismo iluminista de que o confronto de ideias corrige erros e leva a decisões acertadas. Assim, mais do que um simples duelo, é esperado que exista alguma evolução nos conceitos e na forma que o assunto é tratado. A opinião, para um democrata, é bem provisória e deve ser trocada quando se torna obsoleta.

Nos dias de hoje, acalora-se uma sensação geral de que a expressão pode ter mais liberdade do que nunca. O motivo? Os portões abertos pela Internet. Acredita-se que agora a informação e o conhecimento que ela pode gerar sai do controle das mãos de poucos, e se distribui à livre criação de muitos.

Essa revolução chega ao Jornalismo. Os meios tradicionais, jornal, rádio e tv, não abarcam como a Internet a participação do cidadão comum nas notícias que retratam e ajudam a construir sua realidade. É aí que se configuram as grandes possibilidades do Jornalismo na Web. O Jornalismo se reconfigura. Os jornalistas transitam entre captadores e editores de material enviado pelos leitores, ou em espectadores da produção independente de cidadãos comuns.

É nesse cenário que o produto deste trabalho se desenvolve. Uma experiência de levar a mídia a jovens, em seu ambiente escolar. Experimentar sua expressão, sua capacidade de falarem sobre si, sua cultura e suas vivências.

O embasamento teórico traz suporte, trata do universo da web, dos blogs, das mídias sociais, do jornalismo na web, e de ações colaborativas e educativas.

É caminhando que se pode descobrir como é preciso ir longe para conhecer a si, e se voltar para perto. Ceilândia, é uma região administrativa do Distrito Federal, localizada a cerca de 26km de Brasília. Com quase 400 mil habitantes, é a cidade mais populosa do DF.

A população diversificada econômica, social e culturalmente vive tensões e problemas típicos de cidades que cresceram muito, sem o planejamento e assistência pública adequados. Por outro lado, a cidade vibra cultura e diversidade. Formada predominante de pioneiros nordestinos que ajudaram a construir Brasília, Ceilândia é conhecida pela cultura viva, representada por movimentos de Rap, Rock, e diversos artistas da cultura popular e tradicional.

É notável a necessidade de meios e ferramentas que estimulem e viabilizem mais integração na comunidade. Para contribuir com o conhecimento e a visão que uma comunidade tem de si, assim como para sua coesão e convergência de interesses e objetivos, o Jornalismo Colaborativo pode dar voz a seus indivíduos. A atuação do profissional do jornalismo pode ser de editor chefe que organiza e sistematiza o trabalho de colaboradores oriundos da comunidade, assim como repórter que busca e trabalha pautas de interesse comum.

Por meio de pesquisa conceitual aliada à ação, este trabalho descreve a criação de um veículo de jornalismo colaborativo para o Centro Educacional 07, na cidade de Ceilândia, Distrito Federal. Partindo da ideia de integrar e dar voz aos estudantes, o desenvolvimento do blog parte de discussões e oficinas de capacitação de jovens estudantes. O Centro Educacional 07 tem 2.200 alunos em 3 turnos de ensino regular de ensino fundamental e médio, ensino especial, correção de fluxo, e educação de jovens e adultos. A escola tem projetos de ensino integral, buscando estimular o crescimento intelectual e cidadão de seus estudantes. Os projetos são de aulas de reforço, xadrez, violão, karatê, teatro, música e rádio.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A WEB E O JORNALISMO

Com pouco mais de dez anos, o Jornalismo na web passou por pelo menos três etapas. De acordo com Primo e Träsel (2006), a primeira geração transpôs o modelo do impresso para as redes digitais, com o mesmo padrão de texto e diagramação, e pouca interação com o leitores, a não ser menu de navegação, e-mail, fóruns e enquetes.

Já na segunda fase, embora ainda seguindo o padrão de texto do impresso, a notícia online passou a agregar alguns elementos específicos da web, como recursos de hipermídia, listas de últimas notícias e matérias relacionadas, assim como material exclusivo para a versão online.

Na terceira geração, a produção textual é aprimorada pela hipermídia. Esse aprimoramento abre caminho para a convergência das mídias digitais e a possibilidade de distribuição de conteúdo para outras plataformas, como telefones celulares.

O hipertexto, além de enriquecer a produção textual, oferece a possibilidade de que mais de uma pessoa acrescente e aprimore informações. Primo e Recuero (2003) descrevem duas modalidades possíveis de construção:

[...] no hipertexto colaborativo todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento. [...] Já o hipertexto colagem constitui também uma atividade de escrita coletiva, mas demanda mais um trabalho de administração e reunião de partes criadas em separado do que um processo de debate e invenção cooperada. Nesses casos, uma pessoa ou uma pequena equipe de editores pode decidir o que publicar e trabalhar na organização e gerenciamento das contribuições. (PRIMO e RECUERO, 2003, p. 56).

Assim, a produção hipertextual modifica a Web e torna os internautas seus construtores. Mantovani (2006) destaca o borramento das fronteiras entre autor e leitor na construção do hipertexto cooperativo, no qual

(...) todos os envolvidos se unem em torno de um objetivo comum: a construção de um texto coletivo que, para sua efetiva produção,

passará por um processo de negociação: trocas de ideias, aceitação de diferentes pontos de vista, escrita e reescrita, reflexão. (MANTOVANI, 2006, p. 330).

Essa forma coletiva de construção textual se insere também na produção de notícias. Primo e Träsel (2006) listam os termos para as notícias, reportagens, peças audiovisuais e imagens produzidas por qualquer interagente e distribuídas no ciberespaço: jornalismo cidadão (*citizen journalism*), jornalismo participativo, *grassroots journalism*, e jornalismo *open source* (de fonte aberta). Gillmor (2004 apud PRIMO E TRÄSEL, 2006, p. 10) prefere “jornalismo cidadão”, aquele produzido por qualquer integrante de uma sociedade que tenha acesso a informações de interesse público e decida publicá-las, sem necessariamente ter alguma formação técnica em jornalismo. Já Primo e Träsel preferem o termo webjornalismo participativo, que se define como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso da Web, onde a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 10).

Entre as várias contribuições que esse tipo de Jornalismo pode trazer à sociedade, podemos destacar o valor político, a exemplo do Centro de Mídia Independente, que cita entre seus objetivos “dar voz a quem não tem voz, constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais”.

Entre as plataformas que abarcam a construção colaborativa, estão as Wikis, com destaque para a Wikipedia, uma espécie de enciclopédia online em que qualquer internauta pode inserir e editar significados e descrições sobre diversos termos e assuntos. Aqui, opta-se por discorrer mais a fundo sobre a plataforma e as ferramentas dos blogs e mídias sociais, objeto de estudo e prática deste trabalho.

## 2.20 BLOG E AS MÍDIAS SOCIAIS

O blog, de acordo com Orihuela (2006, apud ISLAS e ROSA, 2009, p. 166), é um site da web composto de histórias dispostas na ordem cronológica inversa. Ou seja, a postagem mais recente aparece primeiro, no topo da página. Cada post é arquivado com data e hora de publicação, com um endereço *url* próprio, que pode estar atrelado a outros. Em inglês, o termo “*log*” se refere ao registro de atividade de um servidor e, em sentido mais amplo, a diário, como os clássicos diários de viagem “*travelog*”. Assim, o diário de navegação do internauta pela web se consolidou em 1997, e o termo “weblog”, abreviado em blog. (ISLAS e ROSA, 2009, idem)

Em 1998, ainda segundo Islas e Rosa (2009), haviam apenas 20 blogs, mas em 1999, a incorporação das primeiras ferramentas gratuitas para edição e publicação inicia a popularização da plataforma.

Na Web 2.0, os blogs foram incrementados com a possibilidade de incorporar imagens, áudios e vídeos. De acordo com estimativas do Technorati, em 2011, existiam cerca de 200 milhões de blogs. A cada dia, os blogueiros postam 1,6 milhões de artigos e outros 120.000 novos blogs são criados.

Não há estatísticas oficiais para a blogosfera brasileira, mas internautas estimam, baseando-se em pesquisas de *url*, que o número de blogs em português chegue a 2,5 milhões.

A prática de manter e atualizar um blog contribui na aprendizagem de várias habilidades, de acordo com Lara (2008, apud SILVA, 2009, p. 32). Entre elas, a de selecionar, analisar e armazenar as informações no site, para uso individual ou coletivo; desenvolvimento e organização de conteúdo para diferentes mídias; pesquisa de conteúdo de terceiros para publicação, respeitando direitos autorais; interação com usuários, na leitura e resposta de comentários.

Christofoletti (2009) descreve mais atividades desenvolvidas pelo blogueiro: Escrever, aplicar imagens, estabelecer links com outros sites e blogs, vincular áudio e vídeo, editar e publicar conteúdo, e administrar comentários de leitores. O blogueiro precisa ainda interagir com outros blogueiros, comentando, acompanhando e definindo pautas. Ele destaca a quantidade de tempo, dedicação e energia despendido para essas ações, além do investimento material

(equipamentos, softwares, sistemas) e operacionais (cursos rápidos de manuseio de aplicativos, etc).

Os blogs abriram a porta para que as pessoas se convertam em protagonista dos processos comunicativos. Mas mais além dos blogs se estende o fenômeno de todos os meios sociais, e isso não é uma moda nem uma tendência, mas uma mudança de paradigmas que não tem mais volta. (Orihuela, 2006, apud FOLETTTO, 2009, p 214).

Os termos Redes Sociais e Mídias Sociais não surgiram com a Internet. A ideia de mídia social é anterior, e abarca a produção de informações, descentralizada da edição vertical. Segundo Recuero (2008) “mídia social é aquela ferramenta de comunicação que permite a emergência das redes sociais”. Para isso, é preciso que a lógica da mídia massiva, em que um emite para todos, mude e passe a ser usada a lógica da participação, em que várias pessoas emitam e recebam de outras muitas pessoas. Para Recuero:

(...) mídia social, assim, é social porque permite a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção do espaço social e da interação com outros atores. Ela é diferente porque permite essas ações de forma individual e numa escala enorme. Ela é diretamente relacionada à Internet por conta da expressiva mudança que a rede proporcionou. (RECUERO, 2008, online)

Entre as plataformas ou mídias sociais mais populares atualmente está o Facebook, utilizado neste trabalho. O Facebook surgiu em 2004, criado pelo estadunidense Mark Zuckerberg, quando ainda estudava em Harvard. A intenção era criar um sistema para estudantes egressos do ensino médio, e ingressos na universidade. Nos Estados Unidos, isso muitas vezes representa mudança de cidade e novas relações sociais. No início, a mídia era limitada a estudantes de instituições específicas. Hoje, o Facebook é um dos sistemas com maior base de usuários do mundo.

De acordo com a 111ª pesquisa de opinião pública nacional da CNT/Sensus, feita em agosto de 2011, a maioria dos brasileiros já usa Internet em casa. Entre os entrevistados, 25,4% acessam a Internet todos os dias e 16,6% leem blogs de notícias. Sobre as mídias sociais, 8,8% dos entrevistados tem Twitter, 15,8% Facebook e 27,3% Orkut.

Segundo dados da ComScore, o Brasil é o 4º país em número de usuários nas mídias sociais. Entre os internautas brasileiros, 97% acessam o Twitter e o Facebook. Na primeira posição estão Estados Unidos, Espanha e Reino Unido, com

98% dos usuários nas mídias sociais. Entre os 43 países pesquisados, a média de internautas nas mídias sociais é de 85%.

Em agosto de 2013, representantes do Facebook divulgaram que uma em cada três pessoas nos Estados Unidos - mais de 128 milhões - visitam o Facebook todos os dias, e cerca de 24 milhões no Reino Unido.

Segundo informações divulgadas pela empresa em setembro de 2013, o Brasil é o terceiro país com maior número de usuários do Facebook, com 76 milhões. Os Estados Unidos é o país com mais usuários, e a Índia, o segundo. A mídia social tem 1,15 bilhão de pessoas cadastradas, 7% são brasileiras. O Brasil é o segundo país com mais usuários que acessam o Facebook todos os dias, 47 milhões.

O Facebook começou oficialmente sua operação no Brasil em fevereiro de 2011, com 10 milhões de usuários. Nesse período, houve crescimento de 660%.

Os brasileiros têm um costume específico no uso da ferramenta, os comentários em tempo real sobre a programação da TV, chamado de “segunda tela”. O Facebook pretende investir nesse costume em 2014.

O uso das mídias sociais alastra-se, como se pode notar. Seu papel é semelhante ao exercido pelos blogs, divulgar informações de aspecto pessoal, coletivo, corporativo e comercial. Há diferença entre a extensão e a simultaneidade da produção, que propicia nas mídias sociais fluxo e troca mais intensa de informações:

O conhecimento hospedado nessas redes sociais torna-se insumo para que haja criações e recriações, que, depois de produzidas, retornam em parte para as mesmas redes de onde saíram suas bases e referências. Isso gera um rendimento em escala sempre crescente: quanto mais se sabe, mais se é capaz de saber. Assim, a colaboração dos usuários em rede resulta numa produção em comum. (MALINI, 2008, p. 7)

É importante citar o risco de superficialidade das informações que circulam nas mídias sociais, já que, muitas vezes, o alcance e popularidade são mais valorizados que a qualidade e profundidade do conteúdo.

[...] os analistas de redes sociais se interessam muito mais pela verificação do capital social dos indivíduos (suas propriedades interpessoais ou de relações dentro de uma rede) do que pelo capital humano (suas competências e habilidades pessoais). Se a análise das redes é útil para compreender o grau de reciprocidade e mutualidade que caracteriza os fluxos e intercâmbio que se produzem nelas, não consegue compreender como um trabalho talentoso é produzido e disseminado dentro dela. Nesse sentido, no

âmbito da cibercultura, produzir obras em rede depende do grau de capital humano de indivíduos e grupos. O fato de se possuir mais relações não significa, a priori, obtenção de mais capital humano, que, para autores como MANOVICH (2004), ainda estaria ligado ao investimento pessoal em livros, filmes e artes visuais (“nossos softwares culturais”). (MALINI, 2008,p. 6)

### **2.2.1 Classificações dos Blogs**

Inicialmente, os blogs funcionavam como uma espécie de diário virtual, onde o autor relatava atividades, acontecimentos pessoais e reflexões, semelhante ao papel hoje ocupado pelas mídias sociais. Mas, com o tempo, essa deixou de ser sua destinação principal, e os blogs especializados se popularizaram.

Para Recuero (2003), os blogs podem ser classificados como: a) diários, que tratam da vida pessoal do autor; b) publicações, que comentam informações diversas; c) literários, com contos, crônicas e poesias; d) clippings, reúnem links ou partes de outras publicações; e) mistos, misturam posts pessoais e informativos, com comentários do autor.

Neste trabalho, opta-se pela discussão dos tipos de blogs semelhantes ao produto que descreve. Ainda segundo Recuero, os blogs classificados como “Publicações Eletrônicas” geralmente tem um tema central, como cultura pop, tecnologia ou design gráfico. Os autores fazem e publicam clipping de informações, disponibilizam links, comentam notícias e criticam outras publicações relativas ao tema. Ela destaca o objetivo desse tipo de publicação: informar. Por isso, esses blogs podem ser considerados rivais do Jornalismo, devido a sua característica de “filtro” da informação da Internet.

No âmbito educacional, o blog coletivo, de acordo com Silva (2009, p. 33 e 34), pode ser um espaço utilizado por vários alunos, para arquivar informações ou produzir um jornal escolar, por exemplo. Kajder e Bull (2003) apud Silva (2009) destacam as características relevantes dos blogs no processo educacional: economia (o texto deve ser bem elaborado, preciso e claro na informação); arquivo (cada participação termina depois de um período, permitindo a reflexão sobre o tema); retroalimentação (os comentários estimulam participação e reflexão sobre o

tema; multimedia (publicação de texto, imagem e som); imediatismo (assim que o estudante termina a participação, ela é exibida no blog); participação ativa (o estudante pode se comunicar lendo, refletindo e escrevendo rapidamente).

Primo (2008) descreve também alguns tipos de blogs feitos coletivamente. O grupal informativo: pode ser usado para divulgar informações e notícias de interesse comum, sejam autorais ou reproduzidas de outras fontes. Já o grupal reflexivo traz a opinião de um grupo sobre temas diversos, seja por posts individuais com opiniões que podem ser até contraditórias, seja defendendo uma causa comum.

## 2.3 POTENCIALIDADES DO JORNALISMO NA WEB

A Comunicação e o Jornalismo tradicionais, na lógica emissor  $\implies$  receptor passam por reconfigurações com a evolução da web. De acordo com Aquino (2009), o modelo de comunicação “todos-todos”, ascende com a popularização da web e ganha força com o surgimento de ferramentas que propiciam o que Lemos (2002) apud Aquino (2009) chama de “liberação do pólo emissor”, permitindo que o internauta publique informação na rede, reconfigurando o cenário midiático (ver Fragoso, 2007, Aquino, 2009).

Ainda segundo Aquino, a participação ativa dos usuários no gerenciamento de informações na web 2.0 está calcada nos seguintes princípios: a) arquitetura da participação; b) aproveitamento da inteligência coletiva; c) riqueza recorrente da experiência dos usuários; e d) crença nos usuários como co-desenvolvedores.

Essa horizontalização na produção e circulação de informações impacta a lógica produtiva de notícias. Segundo Primo e Träsel op. cit., a oposição entre produção e recepção é difícil de ultrapassar no jornalismo mediado por jornal, rádio e televisão. O sistema produtivo industrial inato a esses meios delimita papéis bem definidos na divisão do trabalho e entre quem ouve e quem fala.

Mas a livre circulação inerente à web estremece essas barreiras. Para os autores, a construção participativa de notícias e o debate em torno delas levanta novas questões não apenas sobre o webjornalismo, mas “exige renovados debates em torno do sistema produtivo e dos próprios ideais jornalísticos” (Idem, p. 2).

O desenvolvimento do jornalismo participativo é impulsionado por algumas condições de favorecimento. Entre elas, Primo e Träsel destacam: maior acesso à Internet e simplicidade para publicação; popularização de câmeras digitais e celulares; a “filosofia hacker”<sup>1</sup> como espírito da época; insatisfação com os veículos jornalísticos e a herança da imprensa alternativa.

Antes, a participação da sociedade nos meios de comunicação limitava-se a cartas do leitor, ligações telefônicas e direitos de resposta concedidos judicialmente. Os jornalistas podiam exercer uma espécie de imperialismo sobre as informações, em que a insatisfação de seu público tivesse pouco ou nenhum impacto em sua credibilidade. Hoje, é bem mais difícil ignorar o que as pessoas têm a dizer. A unilateralidade de visão sobre os fatos se enfraquece e perde espaço para a pluralidade de relatos sobre o cotidiano.

A produção e circulação de notícias desvinculada de grandes empresas de comunicação e da imprensa oficial, praticada até mesmo por pessoas sem formação em jornalismo, tem também um sentido político, sendo com frequência um instrumento de resistência e ativismo (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 42)

As tensões presentes na sociedade atual e suas conjunturas são suficientemente retratadas e discutidas nos meios de comunicação de massa? Na luta por justiça social, o espaço e voz nas mídias podem reforçar ou alienar os receptores quanto aos mecanismos que enraízam a dominação. Como assinala Bauman:

A única estratégia disponível para realizar o postulado da “sociedade justa” é a eliminação dos impedimentos à distribuição equitativa das oportunidades uma a uma, à medida que se revelam e são trazidas à atenção pública graças à articulação, manifestação e esforço das sucessivas demandas por reconhecimento (BAUMAN, 2003, p. 73)

O reconhecimento individual e coletivo, o conhecimento e valorização de identidades podem perpassar a comunicação, que reverbera a demanda por elevação de auto estima, melhores condições de existência, e concessão de direitos. Prossegue Bauman:

---

<sup>1</sup>Filosofia hacker se refere à ideia de que, munidos do conhecimento necessário, os internautas podem acessar informações diversas, às vezes proibidas, para fins de conhecimento. A prática prevê uma ética informal, na qual as informações obtidas são para aprendizado e não para prejudicar os eventuais “donos” das informações.

Pode-se dizer que a liberdade de articular e perseguir demandas por reconhecimento é a principal condição da autonomia, da capacidade prática de autoconstituição (e, portanto, potencialmente, do auto-avanço) da sociedade em que vivemos; e que nos dá a possibilidade de que nenhuma injustiça ou privação será esquecida, posta de lado ou de outra forma impedida de assumir sua correta posição na longa linha de “problemas” que clamam por solução (BAUMAN, 2003, p. 74).

Esse empoderamento é necessário para estudantes que com frequência não veem ou reconhecem a possibilidade de mudança da realidade opressora e limitadora que os exclui socialmente. Nesse processo de conscientização da opressão partindo para ação combativa, se situa a ideia de Freire (1982) e sua Pedagogia do Oprimido:

Esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força da libertação dos oprimidos nem de si mesmos. (FREIRE, 1982, p. 30)

Como ferramenta dessa luta pela desconstrução da condição de oprimido, o Jornalismo amplia seu espaço de ação para além dos critérios formais de noticiabilidade e seus compromissos organizacionais e mercadológicos. Para Downing:

a mídia radical alternativa geralmente serve a dois propósitos precedentes: a) expressar verticalmente, a partir dos setores subordinados, oposição direta à estrutura de poder e seu comportamento; b) obter horizontalmente, apoio e solidariedade e construir uma rede de relações contrária às políticas públicas ou mesmo à própria sobrevivência de estrutura de poder. (DOWING, 2002, p.29)

Assim, a natureza do jornalismo participativo aparece como alternativa para a insatisfação de quem não se sente representado pela grande mídia. Enfraquece-se o modelo em que o receptor acata ao produto e a construção do imaginário de certa forma imposta pelos jornalistas. “O crescimento do jornalismo participativo nos ajudará a ouvir. A possibilidade de qualquer pessoa fazer notícia dará nova voz às pessoas que se sentiam sem poder de fala” (Gilmor, 2005, apud MALINI op. cit.)

É a possibilidade de que o público não seja mais somente espectador da própria história, mas que contribua com sua construção.

## 2.4 OS ASPECTOS COLABORATIVO E EDUCATIVO

A abertura promovida pela web ascende possibilidades de horizontalização, compartilhamento e desenvolvimento criativo na produção de material informativo. A interação

constitui o núcleo da atividade, já que o conhecimento é gerado, construído, ou, melhor dito, co-construído, construído conjuntamente, exatamente porque se produz interatividade entre duas ou mais pessoas que participam dele. (Echeita e Martin 1995, p.37 apud MANTOVANI op. cit, p. 6).

Mas, é importante destacar que essa cooperação não constitui somente a união do trabalho feito em separado por várias pessoas. A troca, a resposta, a construção conjunta baseia-se em um processo ininterrupto de colaboração mútua, pois “cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as operações executadas por cada um dos parceiros” Piaget (1973, p.105 apud MANTOVANI op. cit., p. 6 e 7).

Essa abertura deve-se em parte as facilidades tecnológicas no desenvolvimento da web. Para Mantovani, essa usabilidade derruba uma grande barreira na construção, edição e manutenção de páginas, a necessidade de domínio sobre ferramentas como a linguagem html, protocolos como ftp e editores de websites.

Assim, diminui-se barreiras e hierarquia entre os usuários comuns e os especializados, onde os blogs podem funcionar como um laboratório de escrita, “onde todos os membros podem agir, interagir, trocar experiências sobre assuntos de mesmo interesse, gerando ambientes colaborativos” (Idem, p. 6) O potencial das novas mídias recai principalmente sobre essa coletividade na construção contínua de informações e conhecimentos:

O fundamento da colaboração em nova mídia é a reinterpretação coletiva, portanto. Esta serviria como uma proposição rítmica original para que uma sugestão inicial possa ser modificada ou complementada. Assim, certas obras disponíveis na rede não corresponderiam mais ao conceito de obra acabada, ao contrário, a obra é “resultado provisório de um processo coletivo em certo momento dado”. (MALINI, 2008, p. 4)

O processo colaborativo presente na criação para as novas mídias, como dito, dá voz a grupos que outrora dependiam da atenção das grandes mídias para ser conhecido e reconhecido. Esse processo pode beneficiar comunidades diversas.

Comunidade é um termo já presente em culturas e religiões antigas. Em seu sentido mais arcaico, Nisbet (1982) usa a expressão para definir “relações entre indivíduos que são marcadas por um alto grau de intimidade pessoal, de coesão social ou compromisso moral, e de continuidade no tempo” (Nisbet, 1982, p. 13). Em um sentido mais amplo, comunidade compreende um grupo de indivíduos que estejam próximos e compartilhem espaço geográfico, interesses, cultura, atividade, etc.

O foco deste trabalho é o uso das ferramentas da web na construção coletiva de conhecimento no âmbito educacional, na comunidade escolar. Inicialmente, o uso destas tecnologias pode ser intimidador para os educadores. Existem três posturas a respeito da incorporação das tecnologias da informação e comunicação na prática docente:

A primeira é de resistência, associada ao medo, ao desconhecido, ao receio de fazer um mau papel frente aos alunos – os verdadeiros especialistas em tecnologia. A segunda é a postura de conformismo, segundo a qual os professores aceitam se atualizar sob a alegação de que não lhes resta outra alternativa. E a terceira é a mais otimista, que mostra que a educação necessita de uma revolução com o uso adequado das tecnologias de forma dialógica e contínua. (ISLAS E ROSA, 2009, p. 170)

É a possibilidade de diminuir a passividade do aprendizado dos estudantes. Ao invés dos antigos alunos (seres sem luz) colocados como tábua rasa de conhecimento, sujeitos a depósitos de informação, os estudantes podem tornar-se protagonistas, mais ativos e críticos no processo de aprendizagem.

Antes a fonte do conhecimento era o professor. Em poucos anos, a exclusividade se esvaiu e outros centros irradiadores entraram em cena, disputando não apenas a atenção dos alunos (seus pais, suas famílias...), mas também a autoridade para destacar o que é relevante ou não no momento. Formação e informação se aproximaram, tornando porosas as fronteiras que as dividem. As

paredes que cercavam o mundo da escola ruíram, e as trocas com o exterior acontecem com mais facilidade e intensidade. (CHRISTOFOLETTI, 2009, p. 181 e 182)

Segundo Islas e Rosa (2009), para os “nativos digitais”, a educação está associada ao uso de avançadas tecnologias de informação e comunicação, e a internet, um natural ambiente de aprendizagem. Mas, não deve-se confundir a conectividade e a infraestrutura com os conteúdos. Os alunos devem ser estimulados a realmente construir os próprios conteúdos, com práticas abertas, com intuição e com reflexão. Para esses autores, esse é o verdadeiro objetivo dos blogs pedagógicos. Para Mantovani, “o enfoque fundamental é o processo, é a percepção de que o aluno passa a ser um elemento privilegiado, capaz de imaginar, criar e interagir de uma forma reflexiva e crítica diante das novas tecnologias” (2006, p. 2)

#### **2.4.1 Educomunicação**

A abertura da escola para estar na Internet e para que a Internet esteja nela passa por questões muitas vezes intimidadoras para os educadores e gestores. Além do receio de lidar com a tecnologia, ameaças à segurança, como o bullying e a pedofilia podem dificultar ainda mais. Há ainda as dificuldades técnicas, sobretudo nas escolas públicas, sujeitas a lentidão e burocracia para obtenção, manutenção e monitoria no uso de equipamentos e programas.

Mas, felizmente, as escolas têm procurado inovar e buscar formas de inserção das novas mídias no processo educativo. Um agente importante nesse processo é o educador, que pode diminuir a distância trazida pelas dificuldades dos professores.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, cerca de 70% dos estudantes da rede pública de ensino se conectou à Internet por meio de computadores pessoais (PCs) ou notebooks. Na rede particular, quase todos os estudantes acessaram a rede. Ainda de acordo com a pesquisa, o Brasil tem mais de 13 milhões de alunos conectados.

O conceito de Educomunicação, posto em 1997 pelo pesquisador Ismar de Oliveira Soares, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), traz pistas de como o uso da comunicação no espaço escolar pode

garantir não só o direito universal à comunicação, mas criar novos caminhos de diálogo e de ensino-aprendizagem. É a ampliação de possibilidades na práxis da educação:

O neologismo Educomunicação, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação. Se há – ou tem de haver – algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado de Educomunicação é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ou se utilizam desses saberes. (SOARES D., online, p. 3)

De acordo com uma pesquisa realizada por Próspero (2013), mais de 40% das escolas afirmam que a educomunicação colaborou na interdisciplinaridade do conteúdo escolar, 80% relatam que houve grande participação dos alunos no processo de aprendizagem.

A cada ano cresce o número de escolas que aderem ao uso de mídias e da comunicação na educação integral. Em 92% das escolas pesquisadas, houve melhoria na aprendizagem dos estudantes nas áreas cognitivas e não cognitivas. Segundo Próspero, ao trabalhar com um jornal escolar, por exemplo, é perceptível a contribuição no aperfeiçoamento da escrita, do trabalho em equipe e do comprometimento do estudante, com o incentivo a mais para fazer o produto, já que outras pessoas o verão.

Próspero aponta com base em sua pesquisa as possíveis conquistas da educomunicação: maior participação em sala de aula, maior interesse para o aprendizado, mais autonomia, mais responsabilidade, diminuição na timidez, mudança de comportamento, desenvolvimento da habilidade de escuta, vocabulário mais fluente.

Entre as escolas pesquisadas, 40% mostraram fortalecimento de laços com a comunidade, devido a demanda da atividade de que os estudantes tenham contato constante com outras pessoas, principalmente fazendo entrevistas.

Uma pesquisa coordenada por Ismar Soares e realizada pelo Núcleo De Comunicação e Educação da USP com 178 especialistas de 12 países da América Latina entre 1997 e 1998 apontou o surgimento da figura do educador e delineou seu perfil. Este profissional demonstra capacidade de elaborar diagnósticos e elaborar projetos na interrelação Educação/Comunicação. Entre suas atividades, destacam-se:

a) A implementação de programas de “educação para a comunicação”, favorecendo ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação.

b) O assessoramento a educadores no adequado uso dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

De acordo com a pesquisa:

- 47% atuam em escolas, dedicando-se a trabalhos com objetivo de melhorar o conhecimento do sistema de comunicação, desenvolvendo com os alunos ou outros segmentos da sociedade trabalhos na linha da leitura crítica da comunicação ou da educação para a comunicação, quer através de algum projeto específico quer através da prática curricular normal;

- 30% dos entrevistados declararam que coordenam projetos de uso das tecnologias na educação, destacando-se entre estes usos, o emprego do jornal, do vídeo e do computador em sala de aula;

- 7% do público pesquisado dedica-se a atividades na área da comunicação cultural com ênfase na utilização das várias linguagens artísticas.

Todos defendem o uso de comunicação como um meio eficaz para ampliar as ações voltadas para a cidadania, o que inclui a melhoria da qualidade de vida e a ampliação das formas de expressão de todos os membros de uma comunidade.

Quando os entrevistados foram perguntados sobre como definiriam o trabalho do educador, a maioria o viu como um "professor" em sala de aula, quer desenvolvendo trabalhos de "análise crítica dos meios", quer desenvolvendo "projetos tecnológicos na educação". Isto é, um professor vinculado a uma das subáreas constitutivas do novo campo.

#### **2.4.2 Os blogs no processo educativo**

Assim, é composto um campo fértil de reflexão e prática na troca de informações e construção contínua de novos conhecimentos e produtos. Esse campo baseia-se na relação harmônica entre as práticas de educomunicação, jornalismo participativo e colaborativo, no uso específico do blog e das mídias sociais. Para Christofolletti (2009), seja no uso como ferramenta ou estratégia pedagógica, os blogs servem não apenas como meios de comunicação entre alunos

e professores ou como depósitos de exercícios de classe, mas também como ambientes de incentivo à interação/conversaçoão.

Em seu trabalho, é destacado que os blogs permitem não somente o exercício da pesquisa em base de dados digitais, da produção de texto com áudio, vídeo, fotografias e até infografias, mas são também um espaço onde os estudantes praticam a autonomia na publicação, a descentralização da produção e o trabalho colaborativo. Muitos educadores têm se atentado ao potencial dessa ferramenta, e segundo Peres (2006), o número não para de crescer e cada vez mais constitui uma ferramenta para todos os níveis de ensino que promove formas não estruturadas de representar o conhecimento, de partilhar e de utilizar as tecnologias.

Os edublogs, blogs utilizados com propósitos educacionais, transportam o desenvolvimento de conceitos para o plano social. O ato de comentar uma ideia e reler posteriormente está facilitado e envolve os intervenientes num processo de introspecção do conhecimento e construção de significados. (PERES, 2006, p. 2)

Para a autora, os blogs são uma ferramenta alternativa na mediação dos processos educativos. Entre suas vantagens, está a facilitação da interdisciplinaridade, num ambiente que é por natureza aberto e colaborativo. Ela cita o exemplo da criação de um blog do tipo do jornal, para refletir e registrar experiências de ensino/aprendizagem, para partilhar ideias de atividades, etc. O comentário de outros estudantes e professores cria uma comunidade informal e útil.

Como se pode notar, a continuidade no uso da ferramenta é uma característica enaltecida por vários autores. O término e a postagem de um conteúdo não encerra em si a prática pedagógica. Mantovani (2006) afirma que o enfoque fundamental é o processo, é a percepção de que o aluno passa a ser um elemento privilegiado, capaz de imaginar, criar e interagir de uma forma reflexiva e crítica diante das novas tecnologias.

Marqués (2007) apud Silva (2009) destaca as seguintes implicações do emprego da Web 2.0 em práticas educativas: constitui um “espaço social horizontal, rico em fontes de informação”; as informações e os canais de comunicação facilitam a aprendizagem autônoma e permitem maior participação nas atividades grupais, podendo aumentar o interesse e a motivação dos estudantes; facilidade em elaborar materiais, utilizando diversas mídias, além de possibilitar o compartilhamento deste material com o grupo; possibilidade de armazenamento, classificação e publicação

de conteúdos, através de arquivos de texto, som, imagem; criação de uma rede de aprendizagem e incremento da facilidade de aprendizagem e a avaliação da mesma; desenvolvimento e melhoria das competências digitais, através da busca, análise e publicação de informações e a possibilidade de proporcionar ambientes de desenvolvimento de “redes de centros de professores”, estimulando a reflexão sobre as práticas educativas e o uso dos recursos tecnológicos.

Na obra citada, Marqués (2007) destaca a necessidade dos alunos possuírem as competências digitais (saber buscar, organizar, analisar as informações na internet, processar tais informações, de tal forma que sejam transformadas em conhecimento, saber comunicar-se através dos recursos tecnológicos, e conhecer os riscos desses recursos, tais como plágio, spam, etc); competências sociais (trabalho em grupo, responsabilidade, respeito) e outras competências (aprendizagem autônoma, imaginação, criatividade, iniciativa, reflexão, resolução de problemas, capacidade de adaptação, etc).

Lara (2005, p. 4) apud Silva (2009) destaca as seguintes habilidades e capacidades que podem ser desenvolvidas pelo aluno autor de um blog:

- Organização do discurso: “a estrutura dos Weblogs permite a elaboração do pensamento de uma maneira sequencial e outorga um alto grau de controle sobre o discurso”. Isto porque o aluno pode editar e reeditar conteúdo quantas vezes desejar;
- Fomento do debate: as pessoas que visitam o blog, poderão se comunicar com o autor, e assim, ocorrerá um ambiente de interação, pois o autor também se comunicará com o leitor. Da mesma forma que o aluno é autor em seu blog, ele será o leitor de outro, havendo um contato entre as pessoas;
- Construção de identidade: o autor vai criando sua identidade através do conteúdo disponibilizado, das interações com leitores e outros blogueiros, e assim vai sendo criado um sentimento de respeito e responsabilidade com as pessoas que acessam seu blog.
- Criação de comunidade de aprendizagem: pode ser desenvolvida através de blogs coletivos dos alunos, de tal forma que seja estimulada a responsabilidade e colaboração entre eles.
- Compromisso com a audiência: ocorre através do contato entre o autor e os leitores, de tal forma que possa existir uma interação, um debate sobre seus próprios artigos.

- Apoio ao e-Learning: o blog possibilita o contato dos alunos com o blog do professor, realizando comentários, lendo sobre temas por ele postado. O blog do aluno, possibilita também o contato com o professor e com colegas.
- Documentação: por sua própria estrutura, o blog contém as postagens em ordem inversa que foram colocadas (as últimas aparecem primeiro). Os blogs melhoram as técnicas de escrever dos alunos, pois eles passam a ser responsáveis pelos conteúdos postados. Para manter atualizado seu blog, o aluno realiza muita pesquisa, tornando-se um “especialista” no tema tratado.

## 2.5 PROTAGONISMO X AMADORISMO

Coloca-se a necessidade de incluir nessa reflexão, uma breve discussão sobre os questionamentos a respeito das maravilhas da produção colaborativa ou participativa de notícias, inclusive por estudantes. Alguns desses questionamentos são a respeito da qualidade, abrangência, profundidade e credibilidade do material produzido.

certamente, estas fórmulas novas de escritura colaborativa colocam problemas sobre a validade das informações, a responsabilidade dos autores, a pretensa ausência de linha editorial, as temáticas umbilicais etc. E o debate está vivo entre os defensores e os detratores destes sites. (Couchot online, p. 6, apud MALINI, 2008)

Nessa linha de pensamento, a aclamada liberdade na descentralização da produção de informações para pessoas comuns, pode não ser uma evolução, mas uma ameaça de retrocesso. O culto ao amadorismo pode

dificultar a determinação da diferença entre o artista e o marketeiro, entre a arte e a propaganda, entre o amador e o especialista. O resultado? O declínio da qualidade e da credibilidade da informação que recebemos. (Keen, 2007, p.30-1 apud MALINI op. cit.)

Primo e Träsel (2006)., trazem a comparação feita por Enzensberger, na qual a separação entre emissor e receptor, que se tenta justificar por questões técnicas, reflete a mesma divisão social do trabalho entre produção e consumo. Essa polarização “está baseada na contradição essencial entre as classes dominantes e

as dominadas (isto é, entre o capital e a burocracia monopolistas de um lado, e as massas dependentes do outro)” (Idem).

Duvida-se da postura ética dos “cidadãos-repórter” que não tenham conhecimento formal ou técnico em jornalismo ou a estrutura e o respaldo de uma reconhecida instituição jornalística. Mas, o jornalismo profissional e as grandes empresas midiáticas não estão livres de falhas e ações de má fé.

Os autores argumenta ainda sobre os numerosos projetos de imprensa alternativa (de fanzines a rádios livres) que marcam a história do jornalismo e que na mesma linha causaram polêmica sobre liberdade de imprensa e formação profissional.

Não é a intenção deste trabalho aprofundar este debate, mas procurar suscitar a reflexão sobre as variáveis presentes no pensamento e na prática da produção descentralizada e horizontal de informação, notícias e conhecimentos. A web coloca em cheque e suscita mudanças nos velhos modelos de jornalismo no impresso, na tv e no rádio. O papel e a importância do jornalista são temas centrais no debate. Para Brambilla e Rocha (2009) “obviamente, não queremos nos eximir, enquanto jornalistas, da tarefa de gerenciar ambientes editoriais, mas cabe a nós encontrar quais pontos do fazer jornalístico podem ser compartilhados com o público e como compartilhá-los”.

De um lado, muitos acreditam na gradual diminuição da necessidade desse profissional, de outro, o jornalista seria uma figura ainda mais importante nesses processos, sendo filtro e organizador do grande fluxo de informações que circulam. Mas, este debate está só começando.

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho ancora-se metodologicamente na pesquisa-ação. É por meio dela que a teoria e a prática dialogam e se aprimoram. Os conceitos e as ações desenvolvem-se com a participação analítica, crítica e prática da pesquisadora e dos participantes envolvidos nas etapas de criação do produto.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1998, p. 16)

Esse tipo de método serve a planejamento e resolução de problemas de vários segmentos, mas Thiollent afirma que boa parte das propostas de pesquisa-ação são formas de engajamento sócio político a serviço da causa das classes populares.

Diferente da maioria dos métodos científicos, na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo na busca por resolver problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. A pesquisa ação exige que a relação entre pesquisadores e participantes seja do tipo participativo.

Mesmo com pontos de convergência e participação dos envolvidos, a pesquisa-ação é diferente de pesquisa participante.

[...] pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. (THIOLLENT, 1998, p. 17).

A pesquisa participante procura aproximar os agentes envolvidos no ambiente e objeto pesquisados, mas, mesmo abrangendo a relação comunicativa com os participantes, este trabalho vai além, pois objetiva a ação, a execução de um produto.

A ideia de observar, analisar e inferir generalizações da necessidade comunicativa colocada pelos educadores é aliada a uma proposta de melhora,

busca de uma alternativa a esse problema. A escola tem atividades que quer divulgar, dinamizar. Nesse contexto se insere a pesquisa, a capacitação e a criação do blog.

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 1998, p. 18)

A pesquisa-ação pode ser realizada dentro de uma organização, uma empresa ou escola, por exemplo. Para Thiollent, a hierarquia pode configurar um relacionamento problemático entre os agentes. Nesse caso, a pesquisa pode ser complicada, pois há risco de privilegiar os interesses de um grupo (normalmente os que têm mais poder), em detrimento de outros. No caso da escola, os alunos estão sob regras definidas em que a aprendizagem é testada, passível de comprovação. Nesta pesquisa, houve abertura por parte dos educadores em que o trabalho fosse conduzido com liberdade e autonomia. Mesmo assim, para a efetiva execução das atividades, o modelo de exercício e atribuição de notas e presenças precisou ser mantido.

O modelo conduzido na primeira escola, CEM 12 (descrição detalhada na seção 4 – O processo) em que as atividades eram solicitadas, a resposta era demorada e muitas vezes não acontecia. Assim, no CED 07, optou-se por vincular o projeto à atividade de recuperação de notas. Há uma “recompensa” objetiva para a execução das atividades.

Na fase de definição da pesquisa-ação, outra condição é a definição dos objetivos envolvidos na pesquisa e na ação, ou nos objetivos de conhecimento e de prática. O objetivo prático envolve a análise dos problemas e a proposição de soluções possíveis, colocadas com realismo, possíveis de serem efetivadas, nem sempre a curto prazo. O objetivo de conhecimento inclui a obtenção de informações que seriam de difícil acesso por outros procedimentos, aumentando o conhecimento sobre determinadas situações, como capacidades de ação ou mobilização.

Neste trabalho, os dois objetivos estão contemplados. A proposição de capacitação e criação de um produto como possíveis soluções para problemas de

falta de comunicação, assim como desinteresse por atividades comuns da escola. O desenvolvimento do blog foi decidido junto aos educadores como uma alternativa para a recuperação de notas, que seria feita por meio de trabalhos e provas. Além de ser um produto valioso para a escola e os alunos, uma opção de expressão própria e horizontal.

Thiollent coloca que na pesquisa-ação, pode-se dar mais ênfase a um ou mais entre três aspectos: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento. A resolução de problemas pede uma pesquisa mais instrumental, onde reúne-se dados necessários para embasar ações direcionadas a esse fim. O segundo aspecto adiciona o fator da tomada de consciência, onde os participantes podem adquirir uma visão mais abrangente e crítica (política, sociológica, etc) a respeito dos problemas que enfrentam, possibilitando soluções a longo prazo, mais profundas. Já a terceira, produz conhecimento que não se restringe ao grupo envolvido, mas oferece a outros grupos e possivelmente à sociedade como um todo alternativas e generalizações para problemas em comum.

Esta pesquisa envolve os três aspectos. No primeiro, a citada busca em resolver problemas pontuais da escola e seus alunos. No segundo, a leitura crítica dos meios de comunicação oferece aos alunos a possibilidade de refletir como os jovens, especialmente da Ceilândia, são retratados nos meios de comunicação. É a busca em torná-los mais conscientes da dinâmica dessa representação, da possibilidade de eles mesmos tentarem produzir outros olhares. No terceiro, a divulgação do trabalho aos envolvidos e à comunidade acadêmica, como mais uma experiência de comunicação alternativa.

A proposta de pesquisa-ação delinea então objetivos práticos: desenvolver oficinas de leitura crítica e capacitação nas linguagens do jornalismo (texto, fotografia, vídeo, identidade visual e diagramação, web e mídias sociais), realizar reuniões de pauta, fazer matérias, idealizar e construir um blog e página em mídias sociais, divulgar e procurar envolver a comunidade escolar para a continuidade do trabalho. Ainda assim, essas atividades não se encerram na prática, são objeto de reflexão e discussão constante do grupo envolvido. Procura-se unir as teorias e conceitos do jornalismo às ações.

[...] na pesquisa-ação existem objetivos práticos de natureza bastante imediata: propor soluções quando for possível e acompanhar ações correspondentes, ou, pelo menos, fazer progredir a consciência dos participantes no que diz respeito à existência de

soluções e de obstáculos. Todos esses objetivos práticos não devem nos fazer esquecer que a pesquisa-ação, como qualquer estratégia de pesquisa, possui também objetivos de conhecimento que, a nosso ver, fazem parte da expectativa científica que é própria às Ciências Sociais.(THIOLLENT, 1998, p. 22 e 23)

Inicialmente o objetivo era produzir um jornal impresso, que fosse lido, além da comunidade escolar, pelos moradores da região. A ideia era promover um meio que trouxesse reflexão e debate às questões da comunidade. O objetivo de proporcionar reflexão permanece, agora à escola. Mas, por ser um produto da web, espera-se alcançar uma audiência ainda maior. Essa pequena experiência, pode contribuir com debate a cerca de várias questões, como o uso de ferramentas da web com fins educacionais, ativistas e culturais. Essa busca alinha-se com a proposta descrita por Thiollent, já que não limita-se à ação ou participação, mas busca-se “produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas” (op. cit. p. 24).

Neste tipo de trabalho, o diálogo não é fácil. Há o interesse da pesquisadora, os interesses diversos de cada estudante, dos professores, dos gestores da escola. A busca é a harmonização desses interesses em objetivos. Não há fórmulas detalhadas de aplicação dos conceitos para obter resultados previsíveis. Nas linhas gerais de objetivo, inúmeras demandas e dificuldades surgem. Pois para além do término do trabalho, a conclusão do produto, permeiam as preocupações com os resultados, os impactos reais e ideológicos que se espera alcançar.

A relação entre pesquisa social e ação consiste em obter informações e conhecimentos selecionados em função de uma determinada ação de caráter social. A passagem do conhecer ao agir se reflete na estrutura do raciocínio, em particular em matéria de transformação de proposições indicativas ou descritivas (por exemplo: “a situação está assim...”) em proposições normativas ou imperativas (“temos que fazer isto ou aquilo para alterar a situação”). Isto supõe que seja estabelecido algum tipo de relacionamento entre a descrição de fatos e normas de ação dirigida em função de uma ação sobre esses fatos, ou de uma transformação dos mesmos. (THIOLLENT, 1998, p. 43)

É preciso tentar constantemente conscientizar os envolvidos da importância do trabalho, seus processos e possíveis resultados, do aprendizado que se espera inferir individualmente e em grupo.

As transformações se difundem através do discurso, da denúncia, do debate ou da discussão. O que é transformado são as representações acerca das situações em que atuam os interessados

e os seus sentimentos de hostilidade ou de solidariedade.(THIOLLENT, 1998, p. 47)

A primeira fase da pesquisa-ação é de concepção e organização da pesquisa. Nesta fase, foi escolhida a escola e os estudantes a participar do projeto. A primeira escola a ser escolhida, o CEM 12 possuía características favoráveis. A escola e a direção se mostravam abertos a projetos extra curriculares, e possuíam um projeto chamado Geração 12, composto por ex-alunos que promovem atividades na escola. Infelizmente, a indisponibilidade dos professores em participar e auxiliar dificultou o trabalho, já que as atividades desvinculadas das disciplinas não lhes renderiam notas ou outros resultados diretos do trabalho. Já na segunda escola, o Centro Educacional 07, também na Ceilândia, haviam mais problemas em relação a equipamentos, organização e motivação. Assim, de imediato foi possível diagnosticar que mesmo com apoio da professora de Artes da escola para conduzir o trabalho, ele seria ainda mais desafiador.

A fase exploratória consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados, e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou “diagnóstico”) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações. Nesta fase também aparecem muitos problemas práticos que são relacionados com a constituição da equipe de pesquisadores e com a “cobertura” institucional e financeira que será dada a pesquisa. (THIOLLENT, 1998, p. 52)

Este apoio da instituição é imprescindível. Mesmo que não estejam presentes em cada detalhe da execução, o acompanhamento é importante, pois, bem ou mal, a escola está mais habituada a lidar com as dificuldades do processo educativo. A ausência de recursos financeiros é outro fator decisivo. Inicialmente, parecia viável conduzir o trabalho com voluntariado da pesquisadora e seus parceiros. Mas, dessa forma, conta-se, de certa forma, com a boa vontade e disponibilidade limitada dos que se propõem a contribuir. Além das barreiras em uso de equipamentos e softwares ultrapassados ou em más condições. E ainda, a impossibilidade de optar por uma versão impressa do jornal. Ainda assim, as dificuldades parecem fazer sentido no projeto, já que, ele se propõe a ser uma pequena contribuição nos inúmeros problemas da escola, dos alunos, dos jovens e da Ceilândia de um modo geral.

Na fase inicial de uma pesquisa – seja qual for a sua estratégia ativa ou não -, junto com a definição dos temas e objetivos precisamos dar atenção à colocação dos principais problemas a partir dos quais a investigação será desencadeada. Noutras palavras, trata-se de

definir uma problemática na qual o tema escolhido adquira sentido. (THIOLLENT, 1998, p. 57)

A construção de saberes é uma preocupação recorrente no trabalho. Desde o cuidado em selecionar os saberes conceituais e instrumentais do Jornalismo, até as generalizações possíveis a partir do trabalho e dos resultados gerados. Procura-se contribuir com a construção de outras experiências que fortaleçam a vontade em se trabalhar uma comunicação mais democrática, inclusiva e justa. O próprio meio de comunicação gerado do trabalho é uma forma de divulgar sem segmentação o processo e o resultado do trabalho, um retorno da pesquisa feita.

Mas, há consciência de que são saberes limitados pelo caráter micro da experiência, ainda que características específicas possam ser de grande contribuição.

a concepção da relação entre pesquisa-ação e teoria sociológica não é de caráter “forçado”, o que quer dizer que não se devem construir “grandes” teorias apenas na base das informações alcançadas e coletivamente interpretadas no processo de pesquisa local. (THIOLLENT, 1998, p. 60)

Um aspecto importante da construção de saberes nesse tipo de pesquisa, é a valorização do saber dos participantes. Isso se torna ainda mais importante em um trabalho que visa questionar o caráter vertical da mídia tradicional, acreditando na possibilidade de que o conhecimento pode ser compartilhado e construído a partir de vários níveis e aspectos de saberes e inteligências.

De acordo com a postura tradicional, muitos pesquisadores consideram que, de um lado, os membros das classes populares não sabem nada, não têm cultura, não têm educação, não dominam raciocínios abstratos, só podem dar opiniões, e por outro lado, os especialistas sabem tudo e nunca erram. Este tipo de postura unilateral e incompatível com a orientação “alternativa” que se encontra na pesquisa-ação (e pesquisa participante). (THIOLLENT, 1998, p. 73)

Quanto as possíveis áreas de aplicação da pesquisa-ação, duas áreas perpassam esse trabalho: educação e comunicação. O dia a dia na escola produz uma série de demandas que nem sempre o planejamento, o currículo e as condições da instituição consegue atender. A inclusão desse tipo de projeto oferece a possibilidade de obtenção de informações e realização de práticas renovadoras no

processo educativo. Assim, os educadores podem aplicar e construir novas formas de relacionamento entre os envolvidos nesse processo.

[...] os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimento de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes. A pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Na reconstrução, não se trata apenas de observar ou de descrever. O aspecto principal é o projetivo e remete à criação ou ao planejamento. (THIOLLENT, 1998, p. 81)

Especialmente na comunicação, palavra que em si carrega o significado de “ação em comum”, a pesquisa-ação é um instrumento valioso de construção colaborativa, de resignificação de representação. Para Thiollent, a metodologia da pesquisa-ação é um meio de crítica à população de massa, e uma orientação minoritária que está sendo cogitada, especialmente no contexto da comunicação alternativa (Mata, 1981: 72-5 e 1983: 138-50 apud Thiollent op. cit), comunicação popular e de modo acoplado a diferentes práticas culturais ou militantes.

Mesmo que o público não seja totalmente absorvido pela lógica deturpada dos meios de comunicação de massa, a tentativa de dominação, manipulação e alienação, tão discutida pelas teorias da comunicação, ainda é presente, e ainda mais atrelada a interesses econômicos e políticos. Pode-se então propor tentativas de fuga à essa lógica, mais concretamente, na elaboração de material didático e meios de comunicação alternativos como jornais, filmes, etc. “Sem ilusão de competir com os meios de comunicação de massa, esses meios conseguem divulgar informações e, sobretudo, modos de leitura alternativos” Thiollent, op. cit. p. 84.

Uma das funções mais enriquecedoras da pesquisa-ação é oferecer aos participantes informações e instrumentos para a leitura crítica dos meios e suas mensagens. A comunicação é parte de grande influência na formação de visões sobre o mundo e as pessoas, desde a mais tenra idade. Aproximar “pessoas comuns” da lógica da construção das notícias e de seu impacto é uma forma de empoderar essas pessoas frente a influência diária que sofrem dos meios.

Ao nível das pessoas diretamente implicadas na pesquisa, a decodificação favorece uma relativa neutralização dos efeitos intencionais da comunicação. A ampla divulgação de algumas das chaves de decodificação constitui um dos importantes objetivos dos partidários da pesquisa-ação na área de comunicação. Essa

atividade pode ser apoiada na crítica dos meios e se estender a atividades de contra-informação ou de comunicação alternativa junto aos movimentos populares. (THIOLLENT, 1998, p. 85)

Além dessa função crítica, a pesquisa-ação promove condições de participação em ações comunicativas, como a criação de uma rádio ou jornal comunitário. É nessa perspectiva a proposta desse trabalho. Promover a leitura crítica, oferecer capacitação prática e, finalmente, construir um meio que abarque a demanda de divulgação de atividades e olhares sobre jovens que não se veem retratados positivamente na mídia de massa.

Trata-se de fazer que aqueles que não têm voz possam gerar informações significativas sobre suas condições ou sobre seus possíveis relacionamentos com outros interlocutores. [...] torna-se possível produzir e fazer circular informações ou conhecimentos que são tradicionalmente excluídos ou menosprezados por parte dos meios de comunicação de massa. Sem dúvida, é nesse quadro que a pesquisa-ação pode representar uma contribuição específica em matéria de discurso ou de comunicação alternativa a respeito dos quais os métodos convencionais têm pouco a oferecer. (THIOLLENT, 1998, p. 85)

### 3.1 A METODOLOGIA DAS OFICINAS

Para aproximar os estudantes dos conceitos e práticas do Jornalismo, foram elaboradas e realizadas 5 oficinas, 2 reuniões de pauta e 3 reuniões para edição, além do suporte online contínuo. A autora realizou 2 das oficinas e as demais foram feitas por convidados que estudam e/ou atuam profissionalmente nas áreas. As reuniões de pauta e edição tiveram ora a presença e colaboração da professora de artes do Ced 07 Lidiane Leão, ora de outros convidados envolvidos nas áreas. As oficinas abordaram os seguintes temas:

#### **1. Introdução à Comunicação e ao Jornalismo (realizada pela autora do trabalho – Stephany Cardoso)**

- “Vejo na Tv o que eles falam sobre o jovem não é sério” (exposição de notícias da grande mídia sobre os jovens da Ceilândia)

- Leitura crítica dos meios
- Teorias do newsmaking, gatekeeper e critérios de noticiabilidade
- Papel social da comunicação, do jornalismo e do jornalista
- Legislação da comunicação, conselho nacional de comunicação e ética do jornalista
- Mídia Alternativa e Jornalismo Comunitário e Colaborativo
- Jornal escolar x Jornal estudantil
- Etapas do Jornal (da pauta à edição de matérias)
- Projeto editorial (sugestões e discussões de possibilidades de abordagens na editoria de cultura)
- Exercício prático:
  - Quem são vocês, pelo que se interessam, o que criam, o que fazem, o que têm a dizer?
  - Pensar em pautas dentro das editorias/assuntos/abordagens
  - Pesquisar e trazer exemplos de blogs, textos, ilustrações que gostam
  - Anotar observações, críticas, aprendizado

## **2. Texto Jornalístico (realizada pela autora do trabalho – Stephany Cardoso)**

- Focos narrativos (tipos de narrador)
- Narrativa Jornalística
- Pirâmide invertida
- O lide
- A morte do lide
- Ferramentas do lide (clareza, precisão, concisão, vocabulário, etc)
- Gêneros jornalísticos
- Etapas do Jornal
- Divisões textuais (manchete, título, chapéu, etc)
- Jornalismo Literário

Exercício prático: Apurar e escrever uma nota sobre a falta de energia na escola no momento da oficina.

### **3. Fotografia (realizada na primeira escola pelo fotojornalista Augusto Pontual, e na segunda, pela fotógrafa de arte Gabriela Cerqueira)**

- História, etapas e evolução tecnológica e estética da fotografia
- Etapas de desenvolvimento da técnica
- Grandes fotógrafos e suas obras
- Evolução das câmeras fotográficas
- A câmera fotográfica (objetiva, foco, diafragma, obturador)
- Princípios da composição fotográfica (regra dos terços, linhas, balanço, enquadramento)
- Enquadramento (tipos de plano)

Exercício prático: Fotografia livre no espaço da escola, usando os telefones celulares e câmeras dos próprios alunos, aplicando os conceitos, sobretudo de e enquadramento.

### **4. Jornalismo na web e nas mídias sociais (realizada pelo jornalista, produtor e analista de mídias sociais Ailton Mesquita)**

- As fases do jornalismo na web
- A participação do público na web
- Dados sobre o crescimento da internet
- Características (linguagem, interatividade, multimedia, hipertextualidade, personalização, memória, convergência)
- Blog e Mídias Sociais (o que são, usos e potencialidades, discussão de exemplos)

Exercício prático: Pesquisa e edição de dois posts com tema ligado à arte. Um para blog e um para Facebook, com uso de diferentes linguagens – texto, foto, vídeo

### **5. Identidade Visual, Layout e Diagramação (realizada pela web designer Nara Oliveira)**

- Cores e harmonia
- Organização na tela
- Identidade visual, cores e logo

Exercício prático: “Toro de ideias” de palavras do universo que envolve o blog, seguido de pesquisa e organização de referências visuais. Obs: a intenção era que os estudantes aprendessem a usar softwares livres de ilustração e diagramação para eles mesmos fazerem o layout. Não foi possível, pois os computadores da escola não tiveram capacidade de rodar os programas.

Figura 1 – Oficinas de capacitação



Oficina de Texto



Oficina de Fotografia



Oficina de Webjornalismo



Oficina de Identidade Visual



Exercícios



#### 4. O PROCESSO

O que nos instiga a fazer? Sonhos, muitas vezes. Abstratos, desprendidos de detalhamento de processos, demandas, dificuldades. Em um ano e meio de trabalho de luta para concretizar este trabalho. Algumas ilusões e abstrações ficaram pelo caminho. No início, um pulsar de ativismo me moveu a escolher trabalhar educomunicação, jornalismo colaborativo e comunitário em Ceilândia. A ideia era produzir um Jornal Comunitário que circulasse no P Norte, onde morava na época. Pensava no que podia dar de retorno pela caminhada na universidade. Cinco anos. Cerca de 500 horas de aula. Leituras, cursos, palestras, vivências universitárias. Média de 1600 viagens de ônibus, de pouco mais de uma hora. Cerca de R\$ 60 mil pagos pela população, por meio do Prouni. E para que?

É caminhando que se pode descobrir como é preciso ir longe para conhecer a si, e se voltar para perto. Ceilândia, é uma região administrativa do Distrito Federal, localizada a cerca de 26km de Brasília. Com quase 400 mil habitantes, é a cidade mais populosa do DF.

A população diversificada econômica, social e culturalmente vive tensões e problemas típicos de cidades que cresceram muito, sem o planejamento e assistência pública adequados. Por outro lado, a cidade vibra cultura e diversidade. Formada predominantemente de pioneiros nordestinos que ajudaram a construir Brasília, Ceilândia é conhecida pela cultura viva, representada por movimentos de Rap, Rock, e diversos artistas da cultura popular e tradicional. Mesmo assim, a imagem que muitas pessoas tem da cidade é a da violência. É comum encontrar pessoas de outras partes do DF, sobretudo de Brasília, que nunca foram à Ceilândia.

Na procura de grupos que estivessem dispostos a fazer esse trabalho, um amigo ativista me indicou o Centro de Ensino Médio 12. A escola tem um projeto chamado Geração 12, de ex-alunos que realizam projetos, oficinas e eventos. Em meados de junho de 2012, Neylon marca uma reunião com o atual diretor da escola, Nelson Borges. Ele não era diretor enquanto estudei lá (da 7ª série do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio, entre 2003 e 2005).

Ao voltar na escola, as coisas começam a tomar forma e sentido. Os portões, corredores, banquinhos e o pátio parecem tão menores, mais simples. Ah, pensei, sou eu quem parece maior. Não, meus 1m65 não aumentaram de lá para cá. Mas meu mundo sim, ele se encheu de experiências e simbolismos, meu olhar não é mais o mesmo. A escola também não. Agora eu sei que posso tentar fazer alguma diferença ali. Ganhei alguma voz, espaço e ocasião em um ambiente que não parece mais tão intimidador.

O diretor se mostra muito receptivo. É um educador de visão, entusiasmo e atitude. Fala sobre como a escola não deveria ter muros, deveria ser um espaço aberto de interação com a comunidade. Na primeira conversa, ele explica o Geração 12, e eu, meu projeto. As coisas se encaixam. Resposta imediatamente positiva: vamos fazer!

Mas, muitas dúvidas ainda me permeiam quanto ao processo de criação, e a cara que esse jornal teria. Parece complicado envolver adolescentes em um projeto longo e trabalhoso. Como tornar isso atraente para eles?

O diretor me convida para participar como jurada do I Concurso Cultural do CEM 12, para que eu comece a me ambientar, e os alunos me conheçam. Ele me anuncia ao microfone como a quase jornalista que "retorna à casa". Ele fala sobre o projeto do jornal e sua importância para. Percebo como os professores e a escola estão diferentes. Na minha época eram, no geral, mais sisudos, mais distantes.

A relação professores-alunos agora é mais amigável. Me surpreendo e rio vendo Nelson e professores pulando com os alunos ao som de "Mulher de fases" dos Raimundos, interpretada pela banda da escola, a XII Distrito. Reencontro professores, felizes pelo meu progresso e regresso, e me sinto confortável e animada por trabalhar ali. Ideias borbulham.

Os dez alunos que se inscrevem são interessados, inteligentes e com habilidades e experiência nas áreas necessárias para o jornal: texto, fotografia, vídeo e arte visual.

No segundo semestre de 2012, realizamos as oficinas de capacitação em cada área. Conseguir que amigos atuantes nas áreas façam as oficinas voluntariamente não é fácil. Ainda assim, nesse tempo foram feitas as oficinas de introdução à comunicação e ao jornalismo (por mim), texto, (por mim também), fotografia (por Augusto Pontual, estudante de Jornalismo da UCB e fotojornalista),

identidade visual e diagramação (por Nara Oliveira, web designer que trabalha com softwares livres) e jornalismo na web e mídias sociais (por mim).

É importante destacar as dificuldades que atravancaram o processo. Primeiro, mesmo que a direção tenha se colocado aberta ao projeto, não permitiu que eu procurasse o apoio dos professores, que disseram não haver tempo para nenhuma outra atividade além da sala de aula. Isso dificultava a metodologia, já que não tenho experiência pedagógica para lidar com os alunos, mantê-los interessados e comprometidos nunca foi fácil, por mais que eu procurasse estar próxima e apoiando como podia. Essa ausência dos professores implicava também a falta de um fator “obrigação”, pois, talvez, se os alunos tivesse o projeto atrelado às disciplinas e atribuição de notas, se esforçassem mais em não só comparecer às oficinas, mas fazer os exercícios insistentemente demandados.

Outras dificuldades eram técnicas. Várias vezes não havia sala, ou computador, ou projetor para as reuniões. Além da sala de informática, que não tinha um profissional para monitorar ou apoiar o uso dos computadores. E os equipamentos não permitiam acesso administrativo para incluir os programas que precisávamos. Somente a Secretaria de Educação podia ir até lá e reconfigurar as máquinas, o que demorava, e não chegou a acontecer.

Outra problema é a falta de recurso financeiro. Eu sabia da existência de um programa chamado “Mais Escola”, que oferece recurso para projetos extracurriculares. O diretor não entrou com o pedido, disse que era demorado e que nunca conseguiam. Talvez, com dinheiro, muitas das dificuldades citadas poderiam ser resolvidas mais facilmente.

O primeiro semestre terminou então somente com as atividades de capacitação e um esboço de projeto editorial. A prática de fazer as matérias ficou para o semestre seguinte.

Mesmo com as dificuldades, a expectativa de realizar um trabalho interessante com os estudantes perdurava, como ilustra esse acontecimento:

10.11.2012


Chego em casa de madrugada, cansada da produção de um evento em um espaço cultural na Ceilândia, próximo à minha casa, que deu errado o quanto podia. Uma festa com diferentes seguimentos culturais (capoeira, dança tribal, mímica, dj de música eletrônica) que deu prejuízos financeiros, teve pouco público e roubos (de minha bolsa, inclusive).

Meu sentimento de valorizar e trabalhar pela comunidade estava abalado, havia sido assaltada por vizinhos há poucos dias. Continuar trabalhando (voluntariamente) para tornar o Cio das Artes um espaço de encontro e promoção de arte na Ceilândia parecia desperdício de tempo. Há cerca de três anos estava envolvida nesse projeto.

Ao abrir o Facebook, me deparo com o seguinte post. As lágrimas que segurava há muitos dias caem, mas cheias de esperança.

Figura 2 – Relato de participante do projeto em seu início

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

 **Kayo Matheus**  
11 de novembro às 01:57 próximo a Brasília · 🌐

----- NOVIDADE PESSOAL -----

Não : Novidades, pessoal !! (com empolgação, em ritmo de fofoca)  
E sim : Novidade pessoal. (novidade minha, sobre mim.)  
ATENÇÃO, TEXTO GRANDE. SO C'MON !

Eu tava aqui moscando tinha tempo, sempre falaram pra pensar no futuro. Tá, eu sempre pensei, mas nunca cheguei à uma conclusão.  
A muito tempo eu escrevo... sempre escrevi, isso começou desde uns 6 anos, aonde eu fazia tirinhas e coisas assim. Gostava das garotas e por ser muito tímido eu sempre escrevia uma besteirinha ou outra. :D Mas poxa...

Eu acho que o hábito de leitura nasceu de tanto "ler", ler foi meu exercício pra aprender a montar minhas ideias e saber expressá-las de maneira mais fácil (digamos assim) e isso foi só crescendo... só crescendo.

Na minha oitava série tínhamos um professor de pd que dava, praticamente, aula de redação. Eu arrasava na matéria dele, sério. Certo dia ele nos pediu pra fazer um texto sobre algo que gostássemos muito, sobre alguma coisa que achássemos legal (era texto livre). Eu aqui, na minha época semi-rebelde escutando uns sons legais decidi fazer sobre minha banda preferida, até então : Green Day! Fui lá, fiz o texto, falei sobre a banda "em geral" (como começou, aonde começou, quem são os integrantes e sobre a banda em si). Nossa, ficou muito bom.

O professor leu aquilo e achou in-crí-vel. Me chamou pra conversar com ele e falou que naquele nível (fundamental) não tinha lido nada parecido, e se tinha eram pouquíssimos. Me recomendou um monte de coisas, corrigiu umas outras tantas (nada de ortografia, mas sim de como "montar" as frases melhor, deixar mais dinâmico, sabe? P/ as pessoas terem vontade de ler?) e por fim deixou sua maior marca: "Cara, me amarrei mesmo, me orgulho de ter um aluno desse jeito. Já pensou em cursar jornalismo? Seria bem legal, você ia conhecer tantas coi..." bla bla bla bla ~

Minha cabeça foi longe aquela hora, a ideia de conhecer várias bandas, várias coisas ao meu redor, de acompanhar os shows de perto e escrever sobre eles era INCRÍVEL, era tudo que eu queria! Viver ao lado de algo que gosto e ainda fazer O QUE GOSTO sobre ela pra render lucros. O tal "jornalismo". Me amarrei ao princípio, pedi a opinião da mãe ela disse que era legal e tudo mais, só que as pessoas me disseram que não ~rendia~ muito. ( Pô, abalaria alguém capitalista na hora, mas eu gostei daquilo DE VERDADE, gostei COM A ALMA, escrever sempre foi bom e era isso que eu queria. ) Por me identificar tanto com a informática e adorar programação/edição de vídeos/computação gráfica eu sempre quis ir pra área da informática, mas escrever, sem dúvidas, era uma boa pedida.

Hoje, aos 16 (no 2º ano do ensino médio) eu passei a escrever com muito mais frequência, tenho aprendido muitas coisas úteis e minhas redações são um verdadeiro sucesso. (fotos) [http://on.fb.me/TBxMH4]

Conselheiro pra "relacionamento"? Só falar com o Kayo. rs; Meus amigos que o digam, eu sempre fui bom com as palavras, (deixando o orgulho de lado, sem "querer me achar agora" ) E sempre fiz de tudo para ajudá-los, mesmo nem sempre dando certo. heh.

Mas o foco é que juntando isso tudo eu fui só aprimorando minha escrita, fui só conhecendo mais e mais, e nisso virei o Kayo de hoje. Recentemente fizemos um projeto de um jornal na escola. Quando a Stephan veio a mim com seus papelinhos no intervalo perguntando se queria fazer parte do jornal eu nem pensei duas vezes. TÔ~DENTRO. (apesar de não ter dito pra ela que me identifiquei em testes vocacionais pra área das literárias e que queria cursar jornalismo ) E só me envolvi com o isto mais~e~mais.

Hoje... depois de assistir um filme que gostei MUITO o "quase famosos" (Almost Famous) eu decidi que o que eu quero mesmo é ser "o jornalista". O cara que escreve sobre o que vê, que sabe se comunicar com as pessoas, o cara que fala fluentemente um inglês e talvez outra língua também, que sabe fazer algo que as pessoas leiam, que as pessoas admirem. É isso que eu quero ser. Eu recomendo a todos esse filme. (fala de rock :P)

E... pra fechar, eu queria dizer que é um caminho que eu escolho não por dinheiro, nem por um futuro BRILHANTE como meus pais e amigos pensam. Claro, não tô menosprezando nada, o jornalismo é incrível conheço amigos da minha mãe que são ricos E jornalistas. '.'


Eu vi uma frase no filme um tanto clichê e de efeito, mas que me chamou a atenção, espera aí, deixa eu pegar a folha (\*caça caça\* risos)

"Não estou nisso por dinheiro nem popularidade, muito menos fama. Faço isso por paixão, por amar o que faço."  
(heh) E por hoje é só. Obrigado, e um abraço. ;)  
- Kayo Matheus.

Queria dedicar a : Stephany, Marcio (meu pai), Suzana (quem me acompanhou), Manolo Brenovick (o melhor amigo) e só. — com Katelyn Eduarda e outras 3 pessoas.

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir (desfazer) publicação · Remover da Linha do tempo

👍 Você, Katelyn Eduarda e outras 19 pessoas curtiram isso.

 **Kayo Matheus** Basta agora procurar quem me ajude com isso né? \*cham\* Stephany ?  
11 de novembro às 01:58 · Curtir (desfazer) · 🌟 1

No mínimo, um sopro de alegria em meio ao caos.

No primeiro semestre de 2013, o trabalho é retomado. Com um novo convite aos estudantes, o grupo cresce para 25. Animados, a sensação é de que dessa vez o “Olha aí” sairia do ou para o papel. Este nome havia sido escolhido pelos alunos, inspirado na música “Meu guri” do Chico Buarque. Referência incrível! Pelo teor da letra, e o próprio nome.

Mais trabalho e correria para fazer as oficinas e integrar o grupo. Mas, o ritmo desacelerou nas reuniões de pauta, e na apuração. Mesmo com o suporte que eu procurava oferecer, os alunos não concluíam as matérias, muitos nem chegavam a se decidir por uma pauta. O tempo foi passando e perto do fim do semestre, só havia recebido uma matéria pronta para edição. Já havia desistido de fazer um jornal impresso, por ser mais difícil e demandar recursos financeiros que não consegui levantar. Mas, nem o blog conseguimos construir. Decepcionada, eu procurava respostas para o porquê do trabalho não resultar em um produto. Não havia como cobrar mais dos alunos, já que o projeto era livre, de adesão voluntária. Tive de desistir de levar o trabalho à banca, e tentar de novo no semestre seguinte.

No segundo semestre de 2013, já estava quase totalmente desacreditada da escolha do projeto. Pensei em mudar de ideia, e escolher um tema para trabalhar com teorias. Mas, Lidiane Leão, uma amiga, professora de artes no CED 07 de Ceilândia, me fez um convite, com ares de solução. Ela tinha dezenas de alunos em processo de recuperação de notas, que faziam projetos para intervenções artísticas na escola. Entre os projetos, havia a ideia de uma rádio e um blog, os quais eu poderia coordenar. Aceitei a proposta.

Na segunda escola, procurei não repetir alguns erros. Procurei inserir a prática em cada um dos encontros, para que ao final os estudantes estivessem mais seguros para produzir suas matérias. Já no primeiro encontro, foi notável a diferença de interesse em relação aos alunos do CEM 12. Ao se apresentarem, perguntados por qual das áreas que seriam trabalhadas nas oficinas eles tinham interesse, grande parte respondeu “nenhuma, só estou aqui porque estou de recuperação”. Mas, alguns manifestaram interesse em texto, fotografia ou ilustração.

As oficinas foram feitas como na primeira escola, mas com mais exercícios práticos. A dedicação deles foi difusa, ora pareciam achar interessante o que aprendiam, ora se mostravam totalmente atrelados à obrigação em fazer.

Assim, o trabalho seguiu, com algumas dificuldades. Às vezes de colaboração e agilidade de coordenadores da escola, dos oficinairos, da professora. Às vezes de equipamentos e estrutura. Nas pautas e matérias, os grupos que desenvolveram o trabalho até o fim surpreenderam pela dedicação, assim como pelo interesse crescente no assunto. Mas, infelizmente, a maioria dos alunos se dispersou com as dificuldades na apuração e desistiu. A intenção era que o blog estivesse no ar em outubro de 2013. Mas, a demora com as matérias dificultou. O atraso principal foi devido à dificuldade em escolher o nome e finalizar a identidade visual. A oficina da área, Nara Oliveira, não prosseguiu colaborando na elaboração, simplesmente não respondeu mais aos pedidos. Outros dois amigos foram convidados a fazê-la. Mas, cada um tem seus próprios compromissos, e como era uma colaboração voluntária, tive de me submeter a esperar a resposta a meus seguidos apelos.

Para mim, todo o processo foi imensamente enriquecedor. Tive de ter muita energia para não desistir e seguir, e aprendi bastante com cada passo e cada pessoa envolvida no projeto. Algumas ideias encontraram barreiras e não se concretizaram, como a visita ao Correio Braziliense e conversa dos alunos com o jornalista cultural e coordenador do Jornal Radcal da Fundação Athos Bulcão, também feito por jovens.

Mas, espero ter contribuído com aprendizado e deixar algo à escola e aos estudantes, que sirva de instrumento de aprendizado, integração e valorização. Pois o blog vai continuar para além do TCC, com alunos que queiram participar. No capítulo seguinte, há a descrição do produto que resultou desse processo. Para os estudantes, bom, reproduzo aqui alguns relatos do que foi o projeto para eles.



## 5 . O PRODUTO

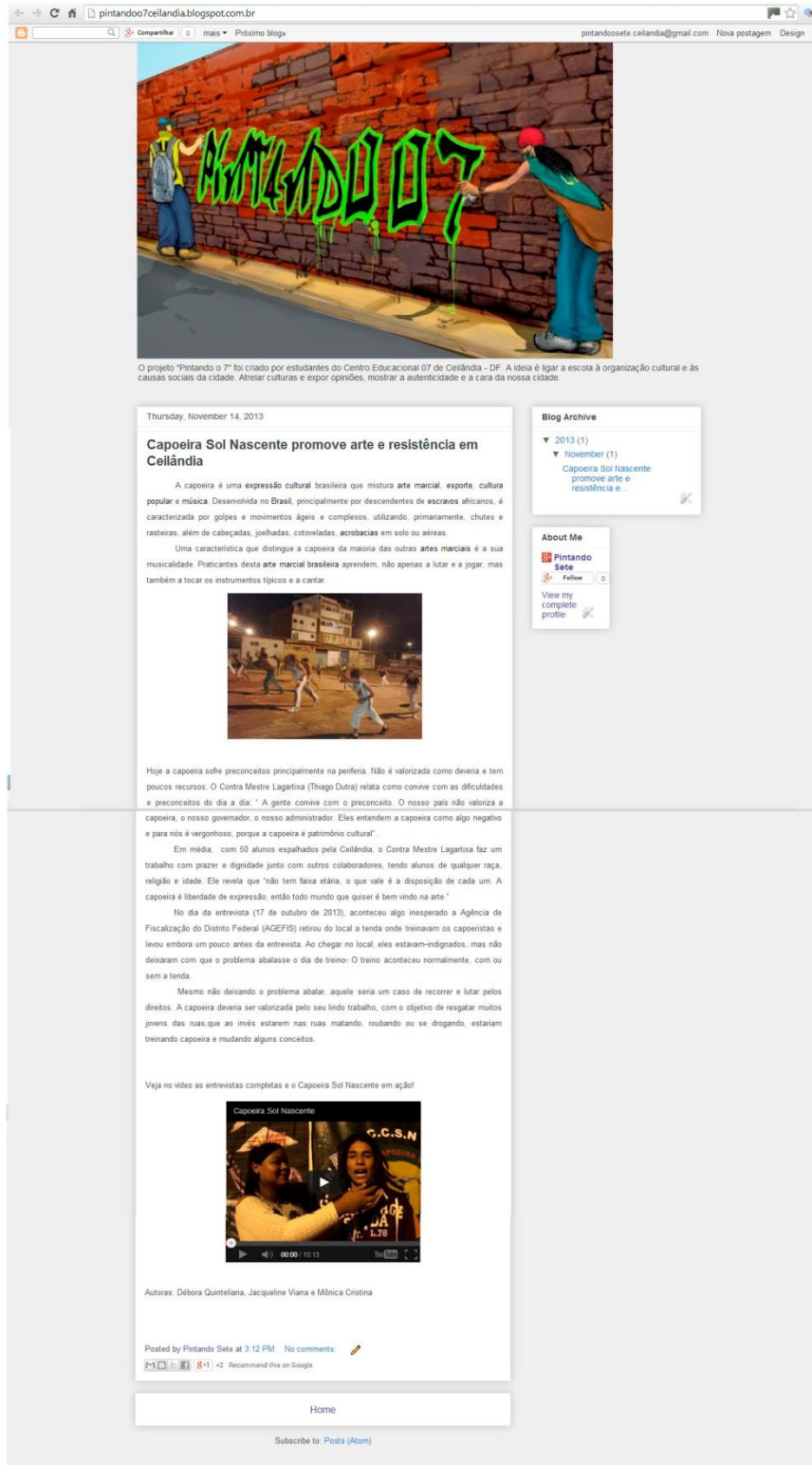
Como resultado do processo, foi criado um blog, uma página no Facebook e uma página no G+ para o projeto “Pintando o 7”. Até a finalização deste memorial, haviam quatro matéria no ar, e, em construção, uma galeria de fotografias de intervenções artísticas dos alunos na escola, e podcasts de entrevistas realizadas com artistas da Ceilândia no programa “Jóia Nossa”, da rádio da escola.

O blog foi criado por um grupo de alunos focados em arte e cultura. As matérias prontas até então tratam de capoeira, hip hop, rock e do Centro Cultural de Ceilândia, em textos, fotos e vídeos.

O nome escolhido, Pintando o 7, surgiu de várias enquetes e votações entre o grupo e amigos. Sugere dar cor à escola (7). O produto começa tratando de artes, mas vai seguir se diversificando de acordo com os interesses e escolhas dos próximos alunos a produzi-lo.

Figura 4 – O Blog Pintando o 7

<http://pintandoo7ceilandia.blogspot.com.br/>



The screenshot shows a Blogger blog page. At the top, there is a navigation bar with the blog name 'pintandoo7ceilandia.blogspot.com.br' and a search bar. Below the navigation bar is a large image showing two people painting graffiti on a brick wall. The graffiti consists of the letters 'PINTANDO O 7' in a stylized, colorful font. Below the image is a caption: 'O projeto "Pintando o 7" foi criado por estudantes do Centro Educacional 07 de Ceilândia - DF. A ideia é ligar a escola à organização cultural e às causas sociais da cidade. Abreir culturas e expor opiniões, mostrar a autenticidade e a cara da nossa cidade.'

The main content area features a post dated 'Thursday, November 14, 2013'. The title is 'Capoeira Sol Nascente promove arte e resistência em Ceilândia'. The post text describes Capoeira as a Brazilian cultural expression that mixes martial arts, sports, and music. It mentions that Capoeira was developed in Brazil, primarily by descendants of African slaves, and is characterized by acrobatic movements, kicks, and sweeps. The post also notes that Capoeira is often stigmatized in the periphery and is not valued as it should be. It mentions that the 'Contra Mestre Lagartixa' (Thiago Dutra) shares his experiences with the difficulties and prejudices of the day-to-day. The post concludes by stating that Capoeira is a source of pride and a cultural heritage.

Below the text is a small image showing a group of people practicing Capoeira in an outdoor setting at night. To the right of the main content area, there are two sidebars: 'Blog Archive' showing a list of posts for 2013, and 'About Me' with a profile picture and a 'Follow' button.

At the bottom of the page, there is a 'Home' button and a 'Subscribe to: Posts (Atom)' link. The footer of the page reads 'Awesome Inc. template Powered by Blogger.'

Figura 5 – A página Pintando o 7 no Facebook

<https://www.facebook.com/Pintandoo7ceilandia>

The image shows a screenshot of the Facebook page for 'Pintando o 7'. The page is viewed from the perspective of a user named Stephany Cardoso. The top navigation bar includes the Facebook logo, a search bar, and the user's name. Below the navigation bar, there is a 'Painel administrativo' (Admin Panel) with sections for 'Publicações · Notificações', 'Mensagens', 'Obter mais curtidas', 'Informações', and 'Convidar amigos'. The 'Publicações' section shows two posts: one about the project's blog and another about a recent photo update. The 'Informações' section displays the page's reach (52) and a 100% increase in likes from the previous week. The main content area features a large image of two people painting the number '7' on a brick wall. Below the image, the page name 'Pintando o 7' is displayed, along with the number of likes (54) and a description of the community as a project of students from the Centro Educacional 07 de Ceilândia - DF. The page also includes a 'Destaque' (Featured) section with a link to the project's blog, a list of 37 friends who liked the page, and a section for recent updates, including a post about a new cover photo.

Figura 6 - A Página Pintando o 7 no G+

<https://plus.google.com/b/101344457406435914611/101344457406435914611/about/p/pub>

The image shows a screenshot of a Google+ profile page. At the top, there is a browser address bar with the URL <https://plus.google.com/b/101344457406435914611/101344457406435914611/posts>. Below the browser bar is the Google+ logo and a search bar. The profile header includes the name 'Pintando o 7' and a profile picture showing two people painting graffiti on a brick wall. The main content area features a post titled 'Pintando o 7' with a link to <http://pintandoo7ceilandia.blogspot.co...> and a '+1' button. Below the post are navigation tabs for 'Sobre', 'Postagens', 'Fotos', 'Vídeos', and 'Comentários'. The right sidebar contains several sections: 'Compartilhe novidades...' with sharing options for Text, Fotos, Link, Vídeo, and Evento; 'Em seus círculos' with a message that no one has been added; 'Tem você em círculos' with a message that no one has added you; 'Seu Painel' with a 'Visualizar seu Painel' button; and 'Vincular seu site' with an 'Ajude as pessoas a encontrar sua página' button.

## 6. CONCLUSÃO

O processo de pesquisa e prática deste trabalho convergiu conceitos, exercícios e pessoas em um complexo escopo. Quanto mais horizontalidade, mais liberdade, e mais dificuldades. Muitas questões, dúvidas e dificuldades tinham resposta em teorias e métodos, mas nem todas.

O processo colaborativo fortaleceu alguns trabalhos e grupos, e impôs barreiras que se mostraram intransponíveis a outros. Além de habilidades com as ferramentas de mídias, o processo educativo adicionou aprendizado aos alunos sobre seu olhar e aspectos outrora desconhecidos da realidade de sua escola e de sua cidade.

O início do trabalho previa distribuição de pelo menos duas edições de um jornal impresso, e a expansão do projeto a outros grupos e escolas. O tempo, os recursos e o comprometimento dos estudantes foram aspectos que ajustaram o projeto à realidade: um blog, mídias sociais e a possibilidade de continuidade, aprimoramento e amadurecimento.

Os conceitos tratados na revisão de literatura podem ser associados a alguns aspectos do processo e do produto gerado. Primo e Recuero (2003) descrevem as vantagens que o hipertexto colaborativo trouxe com a web. No Pintando o 7, esse uso pode ser notado nas matérias, já que os estudantes a construíram em grupo, cada um colaborando em uma parte do texto.

Essa construção coletiva também se aprimora com os recursos de multimedia da web 2.0, a narrativa é constituída de texto, fotografias e vídeos. As informações não se repetem, mas se completam. Os estudantes puderam experimentar a descrição de fatos a partir de diferentes mídias, cada uma com seus potenciais. Por exemplo, por mais rica que seja a descrição textual dos movimentos da capoeira e do break, o vídeo os apresenta de forma mais interessante. Outro exemplo são as entrevistas em podcast. Mesmo que apresentadas transcritas, é mais atraente ouvir a conversa, que inclui o tom, a emoção e a informalidade.

Quanto às plataformas, a evolução e a popularização traz facilidade e democratização no uso. A plataforma *blogger*, pode ser usada por quem não domina a programação em HTML. A edição e postagem dos conteúdos segue formas auto

explicativas, excluindo a necessidade de conhecimentos mais avançados. Até mesmo a disponibilidade do conteúdo para aparelhos como *tablets* e *smartphones* é automática, independe de intervenção ou nível de conhecimento do usuário.

As possibilidades de jornalismo participativo se fizeram presente no trabalho, já que os estudantes combinaram suas habilidades, experiências e conhecimento no material produzido. Todas as etapas, desde a capacitação, passando pela escolha dos temas, apuração e edição foram feitas em grupo, com troca de idéias, discussão e aperfeiçoamento mútuo. Houve até mesmo casos de um estudante ajudar no trabalho de outro grupo, por se interessar em conhecer mais do tema. Assim, como citado por Primo e Träsel (2006), borrou-se a fronteira entre escritor e leitor, já que o estudante não se limitava ao conhecimento disponibilizado por outros, mas procurava buscar novas informações e ângulos.

Entre as habilidades desenvolvidas em um trabalho colaborativo com blog, descritas por Silva (2009), está a pesquisa de conteúdo de terceiros para publicação, respeitando direitos autorais. No início, muitos dos estudantes acreditavam que bastava copiar as informações disponíveis para seu texto. Ao longo do processo, eles compreenderam que essas informações servem de base, e precisam ser corroboradas ou questionadas por outras, por entrevistas, pela apuração, e reorganizadas em um conteúdo exclusivo e autoral.

Islas e Rosa (2009) descrevem a necessidade de inserção das novas mídias no processo de aprendizagem, já que, como “nativos digitais”, os jovens têm a internet como um ambiente natural para esse fim. No caso específico do Pintando o 7, os alunos puderam aprender melhor a buscar e selecionar informações, além de aprimorar conhecimentos sobre artes trabalhados nas aulas. A internet foi uma forma de buscar mais informação e também de divulgá-la, proporcionando a outros jovens a oportunidade de também aprender mais sobre os temas.

Sob a perspectiva da educomunicação, algumas das vantagens observadas nas pesquisas de Ismar Oliveira e Daniele Próspero puderam ser notadas também neste trabalho. A participação, a interdisciplinaridade (além do conteúdo de artes, os alunos trabalharam conceitos de língua portuguesa, geografia, história e até conteúdos de política e legislação). Em menor ou maior nível, também houve ganhos na contribuição no aperfeiçoamento da escrita, do trabalho em equipe e do comprometimento, com o incentivo a mais para fazer o produto, já que outras pessoas o verão.

Em alguns estudantes pode-se notar também mais interesse para o aprendizado, mais autonomia, mais responsabilidade, diminuição na timidez, mudança de comportamento, desenvolvimento da habilidade de escuta, vocabulário mais fluente. É importante destacar aqui que muitos dos estudantes participantes do projeto apresentavam problemas de comportamento e responsabilidade. O grupo reuniu alunos de recuperação em uma ou mais disciplinas, o que, de certa forma, pode ser considerado reflexo desses problemas. Houve uma melhora nesse aspecto, provavelmente também pelo incentivo e valorização de sua produção, evitando o estigma sob o qual muitos se sentiam e até procuravam agir de acordo.

Ainda entre os ganhos apontados pela educomunicação, pode-se citar a aproximação com a comunidade. Estudantes se aproximaram e interagiram com pessoas, grupos e atividades que até então nem mesmo conheciam, mesmo sendo parte de sua cidade. Como exemplo, o trabalho sobre a capoeira, que as estudantes afirmaram passar a conhecer e ter mais consciência da necessidade de valorização.

Outras capacidades, descritas por Silva (2009), que o processo e o produto puderam proporcionar aos alunos foram:

- organização do discurso. Os alunos precisaram pensar melhor na estrutura de organização do que tinham a dizer, com foco nos leitores que pretendiam alcançar.

- fomento do debate. Aqui, pode-se citar o exemplo do trabalho sobre o Centro Cultural de Ceilândia. Durante a apuração, as estudantes se depararam com divergência nas informações prestadas por servidores públicos. Elas precisaram refletir, pesquisar, refazer entrevistas, e discutir tanto as informações quanto a postura crítica que teriam em relação à história e as falhas políticas que encontram.

- construção de identidade. Os estudantes precisaram foram interpelados a pensar sobre si como pessoa e como grupo. Passaram por etapas de reflexão para que o produto fosse reflexo e convergência de suas experiências, habilidades, buscas e anseios.

A validade jornalística do conteúdo produzido pelos estudantes pode ser passível de questionamento. Mesmo capacitados para princípios básicos de ética, apuração e escolha de fontes e informação, eles tiveram liberdade em usar critérios e linguagens próprias. Mesmo assim, o conteúdo permanece válido para fins educativos e de documentação.

Até a conclusão deste memorial, é cedo para mensurar e analisar o alcance, impactos e interação com a audiência. Mas já pode-se notar a busca dos estudantes em divulgar e ter retorno do trabalho, principalmente pelas mídias sociais, ferramentas que tem como fim principal essa interação.

## 7. REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Clara. Os blogs na web 2.0: representação e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella; RECUERO, Raquel (orgs); **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRAMBILLA, Ana Maria; ROCHA, Jorge, 2009. **Comunicação relacional e as mediações possíveis no Jornalismo Colaborativo**. Disponível em <[http://sbpior.kamotini.kinghost.net/sbpior/admior/arquivos/jorge\\_rocha%3B\\_a\\_na\\_maria\\_brambilla.pdf](http://sbpior.kamotini.kinghost.net/sbpior/admior/arquivos/jorge_rocha%3B_a_na_maria_brambilla.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2013.

Brasil é o 4º país em número de usuários nas redes sociais. **Agência RS**. 03 fev., 2012. Disponível em: <<http://www.agenciars.com.br/blog/brasil-e-o-4-pais-em-numero-de-usuarios-nas-redes-sociais/#>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Pedagogia dos blogs: posts sobre o uso da ferramenta no ensino do jornalismo. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella; RECUERO, Raquel (orgs); **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

DOWNING, John. **Mídia Radical, Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.

Facebook é usado todos os dias por mais de 40% dos americanos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 ago. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326235-facebook-e-usado-por-40-dos-americanos-todos-os-dias.shtml>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

FOLETTTO, Leonardo. Blogosfera x campo jornalístico: aproximação e conseqüências. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella; RECUERO, Raquel (orgs); **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ISLAS, Octávio; ROSA, Helaine. Contribuições dos blogs e avanços tecnológicos na melhoria da educação. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella; RECUERO, Raquel (orgs); **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

MALINI, Fábio, 2008. **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo.**

Disponível em

<<http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=35526>>. Acesso em: 09 ago. 2013.

MANTOVANI, Ana Margô, 2006. **Blogs na Educação: Construindo Novos Espaços de Autoria na Prática Pedagógica.** Disponível em:

<[http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/18\\_ana\\_margo\\_mantovani\\_prisma.pdf](http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/18_ana_margo_mantovani_prisma.pdf)>. Acesso em: 3 ago. 2013

NISBET, Robert. **Os filósofos sociais.** Brasília: Edunb, 1982.

PERES, Paula. Edublogs como mediadores dos processos educativos. In Revista PRISMA.COM, n. 3 (2006)

**111ª Pesquisa de opinião pública nacional da CNT/Sensus.** Disponível em <<http://www.cnt.org.br/Imagens%20CNT/PDFs%20CNT/Pesquisa%20CNT%20Sensus/2011/rel.sintese111.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

PRIMO, Alex . Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In:XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. Anais, 2008.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003.

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

PRÓSPERO, Daniele, 2013. **Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação.** Disponível parcialmente em <http://educacaointegral.org.br/noticias/educomunicacao-e-estrategia-para-melhorar-aprendizagem-dos-estudantes/>. Acesso em: 15 out. 2013.

RECUERO, Raquel, 2008. **O que é mídia social?** Disponível em <[http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/o\\_que\\_e\\_midia\\_social.html](http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/o_que_e_midia_social.html)>. Acesso em 16 ago. 2013.

RECUERO, Raquel, 2003. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais.** Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

SBARAI, Rafael. Facebook alcança marca de 76 milhões de usuários no Brasil. **Veja**. 30 jul. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-usuarios-no-brasil>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

SILVA, Syony da, 2009. Blog como recurso educacional na web 2.0. Revista Iluminart do IFSP, volume I, n. 3, p. 27-35

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?**. Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao_o_que_e_isto.pdf)> Acesso em 03 set. 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. O perfil do Educomunicador. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>>. Acesso em 14 out. 2013.

**State of the Blogosphere 2011: Introduction and Methodology**. Disponível em: <<http://technorati.com/state-of-the-blogosphere/>>. Acesso em 10 ago. 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.